



Queiroga diz que vacinas contra a covid-19 em abril virão da Fiocruz e do Butantan, mas, no caso da instituição ligada ao governo de São Paulo, produção depende da chegada de nova remessa de IFA da China. Previsão é de que seja desembarcada no Brasil a partir do dia 20

Ministro garante ter 30,5 milhões de doses

» BRUNA LIMA
» MARIA EDUARDA CARDIM

Sob pressão para acelerar o ritmo da vacinação no Brasil, que ainda depende de insumos importados, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou, ontem, que o governo federal tem assegurado para o mês de abril 30,5 milhões de doses de imunizantes contra a covid-19. A quantidade, no entanto, é diferente do estimado pelo cronograma de entregas divulgado pelo próprio Ministério da Saúde: de acordo com o documento, que não é atualizado desde 19 de março, está prevista a entrega de 47,3 milhões de imunizantes contra o novo coronavírus.

Segundo Queiroga, os 30,5 milhões é o que a pasta tem como “certo”, cujas doses serão produzidas pelo Instituto Butantan e pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). “Em relação ao cronograma, o que nós temos são doses estimadas, porque isso depende das entregas. No mês de abril, nós temos asseguradas 30,5 milhões de doses dessas vacinas, que são produzidas nas nossas duas instituições, Fiocruz e Instituto Butantan. Isso é o que a gente tem certo”, explicou, no evento de lançamento da campanha de vacinação contra a gripe.

Ontem, o ministério recebeu mais 1,5 milhão de doses da CoronaVac, produzida pelo Butantan. Com a nova remessa, o instituto paulista já disponibilizou 39,7 milhões de vacinas ao Programa Nacional de Imunização (PNI), sendo 3,5 milhões em abril. A promessa é fechar o mês cumprindo o cronograma de 46 milhões de unidades acertadas com o governo federal. Porém, o instituto tem apenas mais 1,7 milhão de doses fabricadas com o ingrediente farmacêutico ativo (IFA) de importações anteriores e, para chegar ao total prometido para abril, depende do envio de mais IFA da China.

Na semana passada, o diretor do Butantan, Dimas Covas, ad-

mitiu os atrasos, mas estimou que a nova previsão era para envio nesta semana. Ontem, mais uma vez, houve atualização da data e a expectativa é de que os 3 mil litros da matéria-prima, suficiente para produzir 5 milhões de doses, embarque para o Brasil até 20 de abril. Se chegar na data limite, há o risco de o instituto não conseguir cumprir o cronograma, uma vez que o processo de envasamento, rotulagem e checagem dos lotes dura em torno de 20 dias.

No caso da vacina de Oxford/AstraZeneca, a Fiocruz já tem 10 milhões de doses prontas, armazenadas em câmara fria, que ainda estão em processo de controle de qualidade. Até o próximo sábado, a fundação promete liberar 2 milhões, chegando ao fim do mês com 18,4 milhões incorporadas ao PNI.

Campanha “acelerada”

Apesar de reconhecer que tem capacidade para vacinar mais brasileiros, Queiroga acredita que a campanha de vacinação contra a covid-19 está “acelerada” no país. “O Brasil já é o quinto país que mais vacina e o nono país que mais vacina por 100 mil habitantes, e nós já vacinamos 1 milhão de pessoas por dia”, disse. Dados do Our World In Data mostram que o país é o quarto com mais aplicações absolutas, mas, ao considerar o cálculo por 100 mil habitantes, cai para a 53ª posição do ranking.

Para sanar a falta de vacinas disponíveis, o ministro garantiu que busca pela diplomacia a entrega mais célere de insumos e, até mesmo, de imunizantes prontos. Mas se furtou de dar detalhes por envolver questões de Estado. “São negociações internacionais sensíveis e que nós não podemos antecipar essas questões, sob pena de perder a oportunidade de negócio. Nenhum de nós quer que o Brasil perca a oportunidade de adquirir uma dose sequer de vacina”, justificou.

Tony Winston/MS



Queiroga diz que está trabalhando, também, numa frente diplomática para a compra de imunizantes prontos em outros países

Começa imunização contra gripe

Apesar de a vacinação contra a covid-19 seguir lentamente, a campanha anual contra a gripe começou ontem como estratégia paralela e complementar no combate às síndromes respiratórias agudas graves (SRAGs). Mas, diferentemente dos outros anos, os idosos não estão na primeira fase de imunização para que as aplicações das duas vacinas não coincidam. Isso porque a recomendação do Ministério da Saúde é de que haja um intervalo de 14 dias entre o recebimento dos imunizantes.

Alguns estados, porém, adiaram o início da vacinação contra



gripe para privilegiar a continuidade das aplicações contra a covid-19. Foi o caso do Rio de Janeiro, que não distribuiu as doses dos imunizantes para combater Influenza ontem e remarcou o início dos trabalhos para amanhã.

Ontem, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, ressaltou a importância da vacinação contra a gripe. A imunização será feita de forma escalonada e os grupos prioritários serão distribuídos em três etapas. Assim, os idosos com 60 anos ou mais só receberão a vacina da gripe na segunda etapa, junto

com os professores, entre 11 de maio e 8 de junho.

Na primeira etapa, que ocorre entre 12 de abril e 10 de maio, crianças de seis meses a menores de seis anos, gestantes, puérperas, povos indígenas e trabalhadores da saúde serão vacinados. Já na última etapa, que vai de 9 de junho até 9 de julho, o restante da população incluída no grupo prioritário é quem será imunizado.

O ministério pretende vacinar pelo menos 90% público-alvo da vacinação contra a gripe, estimado em 79,7 milhões de brasileiros, até 9 de julho. (BL e MEC)

Leia mais na página 27

» Pacheco pede à ONU prioridade no Covax

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), pediu ontem ao secretário-geral das Nações Unidas, Antônio Guterres, para que o Brasil tenha prioridade na entrega de novas vacinas pelo consórcio Covax Facility, gerido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A iniciativa anunciou, também ontem, que enviará ao Brasil 842 mil doses da vacina da Pfizer até junho, mas, além dessas, está prevista a entrega de mais 8,1 milhões de doses da vacina de Oxford até maio. Segundo o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, era para o Brasil ter recebido imunizantes do Covax em janeiro, mas a primeira entrega só foi feita em março — pouco mais de um milhão de doses.

Novo recorde na média móvel de mortes: 3.124

Após fechar a última semana epidemiológica com novo recorde de mortes por covid-19 pela sétima vez consecutiva, a média móvel atual também subiu para patamares inéditos da pandemia no Brasil. Segundo o cálculo do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), que leva em conta os números dos últimos sete dias, o país tem média de 3.124 mortes.

O recorde anterior havia sido registrado no início em 1º de abril, com 3.117 mortes. O alto número na média de mortes era esperado, já que na última semana o país registrou, pela primeira vez, mais de 4 mil mortes diárias pela doença por duas vezes. Ontem, de acordo com o balanço nacional feito pelo Ministério da Saúde, o Brasil confirmou mais 1.480 óbitos e 35.785 casos.

O país já soma 13.517.808 infecções e 354.617 mortes, sendo a segunda nação do planeta com mais registro de óbitos e o terceiro com mais diagnósticos positivos — atrás da Índia e dos Estados Unidos, respectivamente, segundo levantamento da Universidade Johns Hopkins. Atualmen-

te, os dados brasileiros são os piores no mundo: as mortes representam mais de 35% dos novos registros, mesmo o país representando apenas 2,7% da população mundial.

A alta, na avaliação do presidente da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), Glademir Aroldi, está atrelada ao colapso no sistema de saúde “não só hospitalar, mas na atenção básica”. Segundo ele, as unidades básicas de saúde são a porta de entrada do paciente e a “rápida saturação (dos hospitais) levou também ao aumento explosivo de atendimento na atenção primária”.

“O Brasil está na UTI e esse ritmo de vacinação não será remédio suficiente, especialmente para o momento”, destacou Aroldi, em audiência pública, ontem, no Senado, para discutir a atuação dos gestores locais no enfrentamento à pandemia.

Vacinação

Enquanto as médias móveis alcançam recordes semana após semana, o ritmo de vacinação tem diminuído nos últimos dias.

Miguel Schincariol/AFP



Óbitos sobem devido às UTIs lotadas, vacinação lenta e cuidados ignorados

Com atrasos na importação de ingrediente farmacêutico ativo (IFA) e sem produção autônoma da matéria-prima já incorporada, o país só conseguiu atingir por três dias a meta de um milhão de vacinados ao dia.

“O ritmo é determinado exclusivamente pela oferta. Quando tivemos vacinas disponibilizadas em maior número, rapidamente se ampliou a aplicação por dia. Agora, com a nova redução de

oferta, infelizmente esse número caiu”, justificou Aroldi.

A previsão inicial para abril era de incorporar aproximadamente 47 milhões de doses, mas a nova garantia do governo federal é de disponibilizar 30,5 milhões ao Programa Nacional de Imunização (PNI). Somente a partir de setembro há projeções para que o país comece a produzir vacinas 100% nacionais. (BL e MEC)

TCU manda governo distribuir kits de teste

O ministro Benjamin Zylmer, do Tribunal de Contas da União (TCU), determinou que o Ministério da Saúde distribua imediatamente testes para diagnóstico da covid-19 que ainda estão estocados. O governo federal mantém milhões de exames do tipo RT-PCR armazenados em um galpão de São Paulo e prestes a terem os prazos de validade vencidos.

Na decisão, da última sexta-feira, o ministro determinou que a pasta aplique “imediate destinação” dos testes por entender que os insumos podem ser perdidos. Ainda há cerca de 3 milhões de itens encalhados nos armazéns.

No despacho, Zylmer apresenta os principais motivos para o encalhe. Entre eles, a falta de articulação do ministério com estados e municípios, a compra de apenas parte dos insumos necessários à realização dos exames e, ainda, dúvidas sobre a compatibilidade dos testes de detecção e os equipamentos das unidades de apoio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e dos laboratórios dos estados.

Para que os testes não sejam

desperdiçados, o Brasil precisará usá-los em ritmo muito superior ao que vem usando até então. “Para que não haja a perda do insumo, em abril e maio deste ano seria necessária a utilização de uma média de 14.500 kits, número superior, portanto, à média de 6.179 dos últimos 12 meses”, diz Zylmer. Cada kit possui reagentes para 100 testes que atestam a infecção pelo novo coronavírus. O não cumprimento da determinação pode acarretar em pagamento de multa pelo ministério. “Há risco iminente de não haver adequada destinação ao estoque atualmente disponível que está prestes a vencer”, disse o ministro no despacho.

O ministério chegou a estocar 6,8 milhões de exames, materiais que custaram R\$ 764,5 milhões. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em dezembro, prorrogou a validade dos testes por mais quatro meses. Apesar de mais prazo e da pressão sobre o então ministro Eduardo Pazuello, ainda existem kits estocados. O RT-PCR é considerado o teste mais preciso na detecção da covid-19.